

INÍCIO DA VIDA E DIGNIDADE HUMANA.¹

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches²

A Lei de Biossegurança que regulamenta, entre outras coisas, a liberação de embriões humanos para a pesquisa no Brasil, continua provocando debates em nossa sociedade. Gostaríamos de afirmar claramente, que o debate em questão, neste momento, sobre o início da vida humana, não esgota toda a problemática das questões éticas que surgem ao redor do uso de embriões para a pesquisa. Entendemos que outras indagações seriam mais pertinentes às questões provocadas pela Lei de Biossegurança brasileira, a saber: é aceitável congelar embriões? É aceitável produzir embriões - no contexto das clínicas de reprodução assistida - sabendo da grande probabilidade de que muitos embriões se tornarão excedentes? Dado ao fato da existência de embriões crio-preservados, é aceitável o seu descarte em pesquisas científicas? Muitos estudiosos têm afirmado que aprovamos, no Brasil, uma lei que só poderia ser aprovada após muitas outras leis no setor, ou seja, precisamos urgentemente regulamentar no Brasil a Reprodução Assistida, e não presumir que a prática - já de mais de duas décadas - seja entendida como aceitável jurídica e moralmente.

Nos aproximando do debate em questão, sobre o início da vida humana, precisamos reconhecer a diversidade de opiniões e a complexidade do tema. Entendemos que boa parte das dificuldades ocorre porque diferentes setores estão fazendo diferentes perguntas. Para a pergunta: em que momento o ser humano deverá ser respeitado como um cidadão? A resposta se encontra na consulta aos códigos jurídicos e poderá ser diferente de um país para outro. Para a pergunta: Em que momento da vida de um humano deve-se reconhecer a sua plena dignidade? Neste caso a resposta nascerá de um juízo de valor, e a resposta de uma pessoa religiosa poderá ser bem diferente da resposta de um ateu.

Outras perguntas ainda poderiam ser feitas, mas, para não nos estendermos, vamos à pergunta que está sendo feita pela sociedade: quando se inicia a vida humana. Neste caso a pergunta é feita à biologia e equivale a dizer: quando se inicia a vida (definida biologicamente com o surgimento de um novo organismo) humana (com características genômicas próprias da espécie *Homo sapiens*)? Neste sentido a resposta nos parece clara, e se estende ao início de qualquer organismo de qualquer espécie sexuada. Toda vez que temos um zigoto (após a fecundação), temos um novo organismo de uma determinada espécie e está vivo (caso contrário estaria morto). É neste momento que a vida deste novo organismo se inicia.

No caso da espécie humana, e de todas as espécies placentárias, este novo ser vivo depende radicalmente do organismo da mãe. Poderíamos tirar disto uma lição: fora do ambiente adequado, o ser humano e todos os outros

¹ Este Artigo foi escrito para a Gazeta do Povo em abril de 2007.

² Mário Antonio Sanches - Professor de Bioética e Teologia Moral, Coordenador do Núcleo de Estudos em Bioética da PUCPR e Diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR (Campus Curitiba).

seres vivos, fenecem. Lição esta que estamos aprendendo com sofrimento, destruindo nosso ambiente maior - a terra - todos nós corremos riscos de ver nossas vidas se tornarem também inviáveis. Estamos assim cobrando responsabilidade excessiva da mulher? Talvez, mas este é um fato, muitas vezes a vida humana - e de outros animais - estarão à mercê de nosso compromisso e responsabilidade, ou cuidamos da vida ou ela perece.

Que dignidade atribuímos a este 'novo organismo' membro da espécie humana? Muitas serão as respostas da sociedade, mas a de um cristão deverá ser uma só e clara: dignidade plena. Isto porque a dignidade é entendida, para um cristão, como um dom de Deus, não uma conquista humana. O valor da vida humana - e de todos os seres - tem um fundamento maior: é criação de Deus, obra de Deus. É contraditório, para um cristão, dissociar o fato da criação, da atribuição de dignidade. Cada ser vivo, passando a existir o faz como consequência de um chamado divino e é este chamado que torna cada ser digno, segundo sua espécie.

A Igreja católica, e muitos outros grupos religiosos, aceitam o evolucionismo, como resposta científica à pergunta: como surgimos? E ao mesmo tempo insiste que cada novo ser é sustentado, amparado, querido, ou seja, criado por Deus. A crença na criação é a primeira resposta teológica cristã, e das outras religiões bíblicas, para afirmar a dignidade de cada ser vivo, a partir do momento de sua própria existência.

PESQUISA COM EMBRIÕES HUMANOS³.

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches⁴

O Projeto Lei sobre Biossegurança que tramita no Congresso regulamenta, entre outras coisas, a liberação de embriões humanos para a pesquisa no Brasil. Este é, sem dúvida, um tema polêmico, amplamente debatido em Bioética, sobre o qual gostaríamos de fazer algumas considerações:

É inaceitável que, com o objetivo de liberar embriões para pesquisa, seja feita uma descaracterização do embrião como plenamente humano. O embrião humano já é um indivíduo, por sua constituição genômica, membro da espécie humana. Onde há um indivíduo humano há vida humana. A ética não pode se tornar um sistema ideológico que atribui dignidade a quem é conveniente e nega a dignidade a quem não interessa ao sistema dominante. Uma boa ética exige imparcialidade e coerência: ou atribuímos, em princípio, a mesma dignidade a cada membro da espécie humana, ou corremos o risco de nos submeter a interesses circunstanciais, e passamos a atribuir dignidade apenas aos que nos são convenientes.

A partir destas questões, é necessário afirmar que é eticamente inaceitável reproduzir embriões com finalidade de pesquisa. O ser humano não pode ser concebido, quer naturalmente, quer nas clínicas de reprodução assistida, senão como fim em si mesmo.

É a partir das posições acima defendidas, que podemos discutir a questão se é ético liberar para pesquisa os embriões supranumerários - que estão congelados nas clínicas de reprodução assistida. Estes embriões foram concebidos com objetivo reprodutivo, ou seja, para crescerem como filhos ou filhas de pessoas que os desejem e os amem. O fato de sobrar embriões congelados nestas clínicas constitui um dos grandes equívocos éticos do momento. Entendemos que este é um problema temporário, fruto de práticas científicas não bem consolidadas, e de falta de legislação no setor. É necessário que este problema seja resolvido: se a prática profissional, nas clínicas de reprodução assistida, não possibilita fertilizar apenas os óvulos que serão implantados e gerem filhos e filhas que sejam assumidos por seus pais, são necessárias leis que regulamentem o assunto e proíba tais práticas, para que novos embriões não continuem sendo congelados, como sobra indesejável de processos de reprodução assistida.

Frente ao fato, contingencial, temporário e circunstancial, de que há grande números de embriões congelados, já totalmente desvinculados dos processos de reprodução humana assistida, cujos destinos se tornaram um dos maiores dilemas éticos da atualidade, é necessário uma solução também contingencial, temporária e circunstancial. Entre descartar (jogar fora) ou liberar este embriões para a pesquisa, tendo em vista a promissora perspectiva atual de

³ Este artigo foi escrito para o jornal do CRM em Dezembro de 2004.

⁴ Mário Antonio Sanches - Professor de Bioética e Teologia Moral, Coordenador do Núcleo de Estudos em Bioética da PUCPR e Diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR (Campus Curitiba).

pesquisa com células tronco embrionárias, objetivando práticas terapêuticas, a resposta só pode ser uma: liberar para a pesquisa.

Aceitar a liberação dos embriões humanos já congelados para a pesquisa deve ser vista como uma solução temporária e circunstancial, e só se torna eticamente aceitável com as seguintes condições:

1. Incluindo na Lei uma clara proibição à produção de embriões com finalidade de pesquisa.
2. Regulamentando a área de reprodução assistida no país, proibindo práticas de reprodução assistida que continuem gerando embriões em número superior aos que serão implantados e assumidos pelos progenitores. Caso, contrário, passaríamos a produzir embriões para pesquisa, e não apenas utilizando os já existentes.
3. Ressaltando que cada uso de embrião esteja de acordo com as normas de ética em pesquisa vigente e, portanto, seja devidamente avaliado pela sistema CEP-CONEP, que regulamenta, avalia e aprova toda pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil.
4. Reforçando que, como a venda de órgãos e tecidos humanos é proibida no Brasil, também a venda de embriões seja proibida.
5. Estabelecendo que não haja vínculo entre as equipes de profissionais das clínicas de reprodução assistida e as instituições de pesquisa com embriões.
6. Estabelecendo mecanismos para que as instituições de pesquisa, após terem seus projetos avaliados pelo sistema CEP-CONEP, assumam a responsabilidade e os custos econômicos da manutenção dos embriões congelados.
7. Estabelecendo mecanismos para que as instituições de pesquisa não remunerem as clínicas de reprodução assistida que doarem embriões congelados. Se essas Clínicas forem remuneradas, ou mesmo tiverem as despesas já feitas com a manutenção dos embriões congelados pagas, elas estarão sendo beneficiadas por um equívoco ético no qual elas incorreram. Isto poderia constituir prêmio às instituições que agiram de maneira mais incoerente no processo de reprodução assistida até então.

Liberar a pesquisa com embriões humanos no país, sem levar em conta os aspectos éticos acima abordados e sem promover um amplo debate sobre o assunto é sustentar e ampliar a lacuna, o distanciamento e incoerência entre o processo legislativo, as práticas científicas e a reflexão ética. A falta de sintonia entre estes seguimentos não contribui para o desenvolvimento harmônico da nossa sociedade.

BIOÉTICA E REPRODUÇÃO ASSISTIDA⁵

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches⁶

O avanço científico que possibilitou a reprodução humana assistida, mais especificamente a fertilização *in vitro*, consolidou alguns de seus aspectos nestes últimos 25 anos, mas também causou polêmica e provocou dilemas éticos novos e ainda não resolvidos. É necessário destacar que 25 anos pode ser bastante na vida de uma pessoa, mas é pouco tempo para que novas e desafiantes realidades sejam adequadamente avaliadas, e que posições éticas a seu respeito sejam desenvolvidas e amplamente aceitas.

A bioética, como disciplina que surge exatamente para avaliar o impacto do avanço tecno-científico, particularmente no âmbito das bio-ciências, sobre a vida humana, tem desenvolvido reflexões interessantes a respeito da reprodução assistida. A bioética não endossa uma única posição sobre temas polêmicos, por causa do necessário respeito à diversidade cultural e religiosa, mas promove o debate e a análise crítica das posturas assumidas.

Não há dúvida que o profissional de saúde, corretamente orientado pelo princípio da beneficência, busca o bem estar do casal ao lhe assistir, amparar e instrumentar no sentido de viabilizar o desejo e a decisão de ter filho. O serviço de reprodução assistida é mais um serviço de saúde, que pode promover vida, realização humana e superação de limites biológicos.

Certamente o casal tem autonomia para tomar as decisões que envolvem os diferentes aspectos de todo o processo de busca ou não do serviço de reprodução assistida. Não podemos promover uma ditadura da tecnologia que pressiona os casais inférteis a buscarem necessariamente a reprodução assistida, nem podemos pressionar os casais a optarem por soluções que eles não desejem nem se sintam em condições de assumir. Os casais precisam ser informados, científica, técnica e eticamente, para que a decisão a ser tomada seja a mais consciente possível.

Todos que se aproximam das conquistas realizadas neste campo ficam maravilhados com a insistência e persistência de inúmeros pesquisadores, com a dedicação dos profissionais, com a garra e firmeza dos casais que buscam tais serviços e por fim com o encanto dos resultados, como o nascimento de bebês longamente esperados e profundamente desejados pelos pais e mães. Neste momento uma boa reflexão cristã nos diz que o ser humano cumpre de fato o seu papel de co-criador, que recebeu do Criador a missão de levar a criação à plenitude.

Esta visão positiva e otimista da reprodução assistida não pode esconder ou acobertar os problemas e dificuldades existentes. Não cabe à bioética barrar o avanço da reprodução assistida, mas é necessário indicar caminhos para que

⁵ Este artigo foi escrito para Vida Universitária (PUCPR) em março de 2004.

⁶ Mário Antonio Sanches - Professor de Bioética e Teologia Moral, Coordenador do Núcleo de Estudos em Bioética da PUCPR e Diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR (Campus Curitiba).

tal serviço de saúde seja realizado dentro dos padrões éticos aceitáveis pelas pessoas envolvidas e por toda a sociedade.

Os problemas éticos mais sérios levantados pelos atuais métodos da reprodução assistida são: possível desvinculação entre reprodução e sexualidade humana, a produção de embriões supranumerários e a redução embrionária. Entre outras questões também merecem um estudo adequado: o anonimato dos doadores (ou vendedores) de gametas, o redesenhar das relações familiares, a utilização das técnicas disponíveis como pressões ideológicas sobre casais inférteis, o reforço social da infertilidade como problema.

A quase total ausência de legislação a respeito da reprodução assistida no Brasil, mostra que a nossa sociedade tem dificuldade de promover o debate e tomar decisões que regulamentem o assunto de maneira equilibrada. Proibir totalmente, ou permitir sem restrições a reprodução assistida, são posições que não promovem os autênticos interesses dos envolvidos, nem respeitam a diversidade da sociedade brasileira. Sem querer cegamente apoiar uma outra posição, gostaria de concluir, para incentivar o debate, com uma pergunta: por que temos dificuldade de promover o debate sobre reprodução assistida no Brasil?

SEXUALIDADE HUMANA

Mário Antônio Sanches⁷

Na busca da compreensão da sexualidade humana, apontamos para as diferenças em relação à sexualidade animal, colocando esta diferença na "não programação" e a possível "dissociação do prazer e função biológica" (SNOEK, 53). Sem dúvida, a sexualidade humana não obedece as leis impulsivas da natureza simplesmente, pois a vontade e opção humana influencia, nem está a serviço somente da função biológica, pois também o prazer alcançado na entrega total e amorosa entre homem e mulher é legítimo. No entanto, achamos que é necessário buscar um aprofundamento no sentido da sexualidade humana, e para isso buscaremos ajuda a quem nos evidencia mais claramente este assunto, do ponto de vista da reflexão teológica.

Definimos sexualidade como uma maneira de ser no mundo e de relacionar-se com o mundo, como pessoa masculina e feminina. Esta definição amplia o sentido da sexualidade para além do meramente genital e generativo. A sexualidade é a manifestação concreta do chamado divino à perfeição, chamado dirigido a toda pessoa no ato mesmo da criação e enraizado no próprio cerne de seu ser. Este crescimento, ao mesmo tempo intra-pessoal e interpessoal, ocorre numa pessoa sexual incompleta em si mesma, mas tendendo à plenitude em Cristo

Outra questão levantada é a da personalidade, isto é, enquanto princípio de integração dos vários fins da sexualidade. A sexualidade é um fator que impregna e constitui a estrutura da existência humana, isto é, somos corpo. O corpo da pessoa humana precisa de um outro para concretizar a capacidade de partilhar a subjetividade. Esta subjetividade se corporifica ou num corpo masculino ou feminino, derivando daí uma experiência diferente do mundo. O impulso sexual genital está orientado em favor de uma união heterossexual. Existe pois, uma atmosfera sexual onde e quando quer que dois seres humanos se encontram. Em vista desta compreensão da sexualidade pode-se

7 Mário Antônio Sanches é Doutor em Teologia, pela EST/IEPG, de São Leopoldo, RS. Sua tese de doutorado na área de bioética foi fruto de pesquisa - com apoio da Capes - no Instituto Kennedy de Ética na Universidade Georgetown, Washington, DC. É professor de Teologia Moral e Bioética e diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR - Campus Curitiba, e coordenador do Núcleo de Bioética da PUCPR. Lançou, recentemente, pela Loyola, o livro, Bioética: ciência e transcendência.

dizer que ela serve ao desenvolvimento da verdadeira personalidade. Sexualidade humana sadia é aquela que fomenta um crescimento sadio criativo para a integração. A sexualidade é temporal e passageira, mas quando integrada no crescimento para Cristo transcende o temporal e se torna sacramental.

Ainda uma outra questão que se coloca, é a da avaliação moral da conduta sexual. Nestes últimos séculos a Igreja colocou uma forte ênfase na natureza moral objetiva do próprio ato e não na pessoal. Os teólogos atuais estão insistindo em que quaisquer tentativas de avaliar o objetivo moral duma ação, prescindindo do motivo e das circunstâncias, são necessariamente incompletas e inadequadas. Uma abordagem sadia da avaliação moral do comportamento sexual, há de fazer justiça a vários fatores extremamente complexos e reconhecer tanto o aspecto objetivo como subjetivo do comportamento humano, a unidade da natureza sexual da pessoa. Mas isto exige uma constante consciência da delicada dimensão interpessoal desta experiência. Os valores que achamos significativos destacar e que devem tornar a sexualidade humana são: ser auto libertadora, enriquecedora do outro, honesta, fiel, socialmente responsável, promotora de vida, alegre. Todos estes valores são iluminados e impregnados pelo princípio central da conduta cristã, a lei evangélica do amor. A sexualidade pode, então, ser elevada a seu sentido sacramental potencial.

A consciência bem formada terá presente o princípio fundamental do crescimento criativo, para a integração que deve orientar toda a atividade sexual. Desta forma estará aberta e sensível à complexidade dos valores implicados neste multifacetado dom da expressão sexual humana, e todas as diretrizes servirão para iluminar o julgamento da consciência bem formada.

SEXUALIDADE: LINGUAGEM E DIÁLOGO

Mário Antônio Sanches⁸

A pessoa humana só existe sob condição de ser homem ou mulher, ou seja, como ser sexuado. Nós devemos dizer, não que temos um corpo, mas que somos corpo. "Eu sou meu corpo" (G. Marcel). Do mesmo modo haveremos de dizer que somos pessoa sexuada. A sexualidade é, pois a linguagem por meio da qual nos expressamos e atingimos o mundo.

A sexualidade, além de ser a linguagem por meio da qual a pessoa humana se expressa, é também a linguagem reveladora da pessoa humana para os outros e para si mesmo. O que é o ser humano, este ser sexuado? O que a sexualidade humana revela da essência mesma do humano? É aprendendo a linguagem da sexualidade que aprenderemos um pouco mais sobre o humano

A linguagem sexual nos revela que o ser humano é um ser que não suporta a solidão. "Não é bom que o homem esteja só"(Gn 2,18). Hoje poderíamos dizer: "sozinho a pessoa não se realiza". A busca do outro para se reconhecer como alguém é uma necessidade fundamental da pessoa humana. É uma necessidade espiritual esculpida na corporeidade sexual. "A sexualidade para o homem é o sinal sensível de uma realidade espiritual, a corporificação do amor".⁽³⁰⁾

Estamos aqui longe da visão hedonista da sexualidade. A sexualidade vista como busca do prazer não será linguagem do amor, e sim do egoísmo. "A sexualidade humana não é feita para o prazer, mas para o dom".⁽³¹⁾ Sem dúvida a sexualidade é feita para expressar o amor existente no humano, amor que se concretiza no dom, na doação e entrega ao outro. O prazer alcançado como entrega ao outro, como conseqüência da doação, será autêntico e pleno. O prazer buscado por si, negando a doação, terá a marca do absurdo, estará em contradição com a estrutura mesma da sexualidade, que é ser para o outro

⁸ Mário Antônio Sanches é Doutor em Teologia, pela EST/IEPG, de São Leopoldo, RS. Sua tese de doutorado na área de bioética foi fruto de pesquisa - com apoio da Capes - no Instituto Kennedy de Ética na Universidade Georgetown, Washington, DC. É professor de Teologia Moral e Bioética e diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR - Campus Curitiba, e coordenador do Núcleo de Bioética da PUCPR. Lançou, recentemente, pela Loyola, o livro, Bioética: ciência e transcendência.

e não para si.

Como a sexualidade é voltada para o outro, ela é sempre dialógica. Não é um monólogo, não busca a si mesmo, nem solidão. É ávida de comunicação e comunhão. Quer derramar-se no outro, fazer o outro feliz. Aqui a sexualidade revela a essência do homem, imagem do criador: um ser que ama, que se realiza na medida que se esquece e torna o outro feliz.

A sexualidade como realidade dialógica será necessariamente respeitosa. Busca diálogo, mas não se impõe. "A Sexualidade torna-se diálogo, a título particular, e até mesmo privilegiado sob a condição de que seja autêntica".⁽³²⁾ Quando duas pessoas humanas assim dispostas e aptas ao amor se encontram frente a frente ambas se afirmam naquilo que são, e ambas se enriquecem enriquecendo o outro. Passam rápidos estes momentos de encontros entre amigos, namorados, esposos, enfim entre pessoas que verdadeiramente se amam.

O sentido da sexualidade como linguagem dialógica alcançará seu auge no amor conjugal, onde a pessoa pode se expressar sem ser rejeitada, pode se oferecer que será acolhida, onde ama e será amada.. Aqui se dá a máxima realização da sexualidade por saber que pode doar-se sem estar oprimindo, e a concretização da doação é buscada na entrega mesma dos próprios corpos. É necessário dizer que para o cristão o amor conjugal é muito mais que o relacionamento genital entre um homem e uma mulher. Não acreditamos que entre pessoas que se encontram uma primeira vez haja estas condições necessárias para esta entrega profunda e autêntica. A promiscuidade sexual é prostituição no sentido mais profundo da palavra, pois se realiza um encontro sexual sem que possa se estabelecer uma comunicação dialógica entre eles. Existe contato sexual sem que a cada um seja dada a oportunidade de se constituir como pessoa voltada para o outro, por *isso* se prostituem. É ir ao outro se buscando.

SEXUALIDADE NA BÍBLIA

Mário Antônio Sanches⁹

A Bíblia não deve ser considerada como um depósito de prescrições absolutas com referência ao sexo, pois ela não se preocupa com a sexualidade como tal e nem faz dela um tratado sistemático.

No entanto, a Bíblia traz um grande avanço na compreensão da sexualidade. Os povos vizinhos de Israel sacralizavam a sexualidade. Para cada aspecto da sexualidade humana se encontra uma representação no mundo dos deuses. "Se observa uma espécie de dissociação entre os aspectos essenciais da sexualidade: matrimônio, amor, fecundidade não estão sistematicamente reunidos num único casal exemplar do qual cada casal humano reproduziria a imagem".⁽³⁾ A deusa/mãe não será a mesma deusa/amante. Poder-se-ia dizer que os antigos vizinhos de Israel sacralizavam cada aspecto independente do outro aspecto da sexualidade. Mesmo neste contexto de sacralização da sexualidade, a revelação bíblica ao povo de Israel seguirá um rumo oposto. Partindo do dogma fundamental da fé de Israel: Javé é o único, a sexualidade será vista como o que realmente é: a realidade humana. Javé é o único, não existem outros deuses ou deusas ou outra força da natureza que sejam divina. "Não mais deusa/mãe, nem deusa/amante, nem deusa/esposa".⁽³⁴⁾ Desaparecem os mitos da sexualidade. Israel conhecerá uma nova sacralização da sexualidade. O ser humano em sua realidade concreta, corpórea, é imagem e semelhança de Deus. Toda a realidade que se refere ao humano será sacralizada, pois ele sim é sagrado, como imagem do único Deus. "Assim o corpo levava em si, no mistério da criação, um sinal indúbio da imagem de Deus e constituía a fonte específica da certeza daquela imagem presente em todo ser humano".⁽³⁵⁾

A Bíblia apresentará um casal humano ideal que reunirá todos aspectos da sexualidade antes espalhados em diversos mitos da cultura pagã. A mulher será conhecida como companheira do homem "ossos de seus ossos e carne de sua carne" (Gn 2,21-2). Desta maneira, se afirma a igualdade entre homem

9 Mário Antônio Sanches é Doutor em Teologia, pela EST/IEPG, de São Leopoldo, RS. Sua tese de doutorado na área de bioética foi fruto de pesquisa - com apoio da Capes - no Instituto Kennedy de Ética na Universidade Georgetown, Washington, DC. É professor de Teologia Moral e Bioética e diretor do Curso de Bacharelado em Teologia da PUCPR - Campus Curitiba, e coordenador do Núcleo de Bioética da PUCPR. Lançou, recentemente, pela Loyola, o livro, Bioética: ciência e transcendência.

e mulher que se unirão e formarão "uma só carne" (Gn 2,24). "A união sexual traduzirá assim uma união mais profunda onde todas as fibras do ser estarão comprometidas... Enfim, é notável que, numa sociedade em que a poligamia é legal, o modelo proposto pelo criador seja um casal monogâmico".⁽³⁶⁾ A tradição bíblica sacerdotal apresentará a sexualidade, como toda criação de Deus, como uma realidade boa e que permanecerá boa, mesmo após o pecado, se suas condições de exercícios corresponderem às intenções do criador.

O pecado, no entanto, vem lançar uma sombra sobre toda a sexualidade humana. Sem dúvida o pecado atingiu todo o homem e seria ingenuidade querer afirmar que a realidade sexual, tão íntima ao homem, não fora atingida. Ao contrário, podemos afirmar que, exatamente porque a sexualidade é expressão sem a qual o homem não pode revelar-se ao mundo, é que se tornou o lugar onde o pecado manifesta mais o seu domínio. "Aquele vergonha que certamente manifestou-se na ordem sexual, revela uma dificuldade específica de advertir a essencialidade humana do próprio corpo... revela-se uma certa fratura constitutiva no interior da pessoa humana, quase uma ruptura, da original unidade espiritual e corpórea do homem".⁽³⁷⁾ Este humano que pecou era homem e mulher e além de lançar um desequilíbrio na unidade somática, lançou também um germe de desequilíbrio entre homem e mulher. "Seja como for, o amor mútuo do homem e da mulher acha-se viciado em sua raiz pela consumação comum do pecado; por isso as conseqüências fazem-se logo sentir-se sobre ele".⁽³⁸⁾

Mesmo após o pecado, o casal original vai permanecer na Bíblia como o modelo de todo o matrimônio. É para lá que se caminha. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos vai se falar do amor monogâmico de dois seres chamados a se tornarem "uma só carne" de acordo com o modelo do casal antigo. "O livro evidentemente não é uma tese de teologia, mas permite penetrar na psicologia do amor, tal como pode exprimir-se em clima bíblico. A teologia do casamento enraíza-se assim mais profundamente na experiência do amor humano, assumindo um clima alegre e otimista, um aspecto essencial desta experiência que uma espiritualidade cátera baniria como má".⁽³⁹⁾

Com os profetas o matrimônio será valorizado de maneira nova ao

compará-lo com a união de Javé com Israel. Este novo modelo será descoberto no coração da própria história da aliança de Israel com Javé. "O paralelo do matrimônio dos homens e da aliança entre Deus e seu povo é levado muito longe pelos profetas".(40) Com isto estas duas realidades se enriquecem em sua compreensão. Javé é para Israel um esposo, um Deus ciumento. Por outro lado todo casamento humano deverá ter as marcas da fidelidade, do perdão, do amor sem limites a exemplo do amor de Javé.

Com Jesus o Reino de Deus se inaugura. E neste reino a "instituição matrimonial volta a encontrar a perfeição que as conseqüências do pecado na história humana lhe haviam feito perder".(41) Jesus remete ao casal original apresentado no gênesis. "O homem deixará o pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e serão os dois uma só carne" (Mt 19,5). A grande novidade que Jesus trás em relação ao matrimônio será este reafirmar das origens. A nova vida em Cristo, o reino de Deus já iniciado na terra, torna possível ao homem reviver a experiência do matrimônio anterior ao pecado. Jesus impulsiona o casal a sonhar e a buscar historicamente a superação do pecado, a reencontrar a unidade psicossomática perdida e a reatar a harmonia entre homem e mulher, a comunhão de pessoas e a redescoberta do "sentido esponsal do corpo". (42)

São Paulo vislumbrará ainda uma realidade que leva à importância do matrimônio cristão como sinal do mistério da vida mesma de Jesus. Colocará o matrimônio como sinal da entrega de Jesus pela sua Igreja. (40)